

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



Cyberbullying: A linguagem como expressão do fenómeno

Andreia Filipa de Melo Alves

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia da Educação e Orientação)

2017

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



Cyberbullying:
A linguagem como expressão do fenómeno

Andreia Filipa de Melo Alves

Dissertação orientada pela Professora Doutora Ana Margarida Veiga Simão
e co-orientada pela Doutora Paula Costa Ferreira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia da Educação e Orientação)

2017

Agradecimentos

Estou grata à **Prof.^a Doutora Ana Margarida Veiga Simão** por me ter dado a oportunidade de participar num projeto de grande importância em Portugal com uma temática tão universal e relevante para a psicologia, em geral, e para a educação, em particular. Obrigada por todo o trabalho de orientação, partilha de ideias e incentivo para melhorar sempre mais. Queria-lhe agradecer também por não ter desistido, mesmo quando o caminho ficou mais longo, ajudando-me sempre a encontrar o rumo certo até chegar até este momento tão importante para mim.

À **Doutora Paula Costa Ferreira** por ter aceitado ser minha co-orientadora e por o ter feito de forma incansável. Queria destacar todo o apoio e sugestões dadas que contribuíram para que este trabalho se tornasse realidade. Obrigada pelo tempo dispensado nos ensinamentos que me foi transmitindo desde o primeiro dia.

À **equipa de investigação do Projeto *Cyberbullying*** por todo o carinho com que me recebeu por toda a motivação que me foram dando ao longo deste percurso e por me fazerem sentir como parte integrante deste grupo. São uma equipa de elite e à qual devo muito por isso mesmo, jamais a esquecerei. Obrigada à **Doutora Sofia Mateus Francisco** por todo o seu contributo direto e indireto na minha tese, pelas correções e, acima de tudo, pela paciência após tantas horas de trabalho em conjunto. Obrigada à **Doutora Paula Paulino** igualmente pelo apoio e partilha de ideias que contribuíram para a construção deste trabalho. Um agradecimento também ao **Doutor Sidclay Souza** pela partilha de ideias, pela disponibilidade e pelo bom humor que o caracteriza e que tanto ânimo dá a todo o grupo. Obrigada a todos.

Aos melhores pais do mundo, **Rui e Luísa Alves** por serem os mais especiais e importantes seres humanos que conheço, por todo apoio que me têm dado ao longo da

vida, por me apoiarem sempre em todas as ocasiões e por nunca desistirem de mim, acreditando que iria vencer, mais tarde ou mais cedo. Sem eles nada disto teria sido possível!

À minha querida irmã, **Ana Catarina Alves** por ser a minha grande fonte de inspiração desde que existe. Por todo o carinho, sinceridade, ajuda e motivação que me dá todos os dias.

À minha **família incrível**, por estarem todos sempre disponíveis para mim e para me ouvir e por terem tido sempre uma palavra reconfortante para que seguisse em frente, sem nunca desistir. Obrigada a todos por saberem esperar por mim nos momentos mais conturbados e festejarem comigo cada vitória, quando esses momentos são finalmente ultrapassados. Muito obrigada por todo o Amor e Carinho! Esta tese também é vossa.

Aos meus Psis, eternos companheiros de Psicologia: **Catarina Pires, David Guedes, Diogo Oliveira, Inês M. Reis, Inês X. Reis, Inês Raposo, João Soares; Maria Fanha e Teresa Gil** por estarem comigo desde o primeiro dia, por me acompanharem desde o primeiro dia e personificarem esta paixão pela psicologia.

Quero deixar ainda uma palavra de gratidão aos meus Super Amigos, pessoas sobremaneira especiais. Cada uma delas sabe o motivo do carinho que lhes deixo: **Ana Teresa Serafino, DT Ana Caramelo, André Barata, Beatriz Afonso, Carlos Encantado, Cátia Grilo, Hugo Rodrigues, e Sara Miguéns Porteira e Tiago Branco** por estarem sempre presentes nos momentos mais decisivos da minha vida, por terem compreendido algumas ausências forçadas e continuarem sempre a deixar-me uma palavra de conforto.

Ao **Doutor Pedro Serras**, pelo seu interesse em ler esta tese e dada a curiosidade que este tema lhe suscitou.

Resumo

Nas últimas décadas, o desenvolvimento tecnológico tem acompanhado a evolução dos tempos com dispositivos cada vez mais sofisticados e portáteis, o que nos torna contactáveis o dia inteiro, em qualquer parte do mundo. Estes avanços tecnológicos, nomeadamente, o acesso à internet através de um computador ou telemóvel, embora nos tenham trazido inúmeras vantagens, acarretam uma série de consequências que, à distância de um “clique”, se tornam virais e visíveis a uma escala universal, quebrando todas as fronteiras existentes até há bem pouco tempo. Com o aumento exponencial da utilização destas tecnologias de informação e comunicação, tem-se assistido a uma consequência nefasta e cada vez mais comum principalmente entre os jovens: a violência online. O presente estudo foca a temática do *cyberbullying*, uma das problemáticas mais atuais dos dias que correm e que tem afetado em grande medida os jovens: o *cyberbullying*. O *cyberbullying* traz consequências negativas para a saúde dos jovens, efeitos esses que podem ser reduzidas pela intervenção de quem observa o fenómeno. Inserido no projeto aprovado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), registado com o título, *cyberbullying: A regulação do comportamento através da linguagem* e com a referência TDC/MHCPED/3297/2014, o presente estudo pretende analisar o tipo de linguagem que é utilizada pelos jovens em situações de *cyberbullying*. Isto é, espera-se, para além de ficar a conhecer o conteúdo das expressões mais utilizadas pelo nosso público alvo, perceber como os jovens se apropriam dessa mesma linguagem. Para isso, foi utilizado o Inventário de Incidentes Observador de *Cyberbullying* (IIOC) num agrupamento de escolas públicas do centro de Portugal ($N = 447$). Os resultados de uma análise de conteúdo de respostas de uma pergunta de resposta aberta revelaram que a linguagem (as expressões) utilizada pelos jovens portugueses em incidentes de

cyberbullying, insere-se na categoria dos insultos (52,15% da amostra), sendo a sua maioria de conteúdo vulgar ou recorrendo a vulgarismos.

Contudo, quando questionados sobre de que forma se apropriam da linguagem utilizada em incidentes de *cyberbullying*, a maioria (50,9% da amostra) reportou que interveio com linguagem mais adequada, o que não só corrobora o facto de termos encontrado maioritariamente linguagem de conteúdo vulgar, como, por contraste, nos mostra que os próprios jovens, na sua maioria, a consideram desadequada e preferem usar um tipo de linguagem mais ajustado.

Palavras-chave: *Cyberbullying*, Adolescentes; Linguagem

Abstract

In the last decades, the technological development has accompanied the evolution of times with increasingly sophisticated and portable devices, which makes us contactable all day, anywhere in the world. Although these technological advances, in particular Internet access through a computer or mobile phone, have brought us numerous advantages, they pose a series of consequences that, at a distance from a click, become viral and visible on a world scale, breaking existing frontiers. With the exponential increase in the use of these information and communication technologies, there has been an ominous and increasingly common consequence among young people: online violence. Thus, the present study focuses on the subject of *cyberbullying*, as well as exploring one of the most current issues of the day and which has affected young people to a great extent: *cyberbullying*. *Cyberbullying* has negative consequences for the health of young people, consequences that can be reduced by the intervention of those who observe the phenomenon. Thus, inserted in the project approved by the Foundation for Science and Technology (FCT), registered under the title, *cyberbullying*: The regulation of behavior through language and the reference TDC / MHCPED / 3297/2014, the present study intends to analyze the type of language that is used by adolescents in a *cyberbullying* situation. That is, we propose to identify the expressions and / or abbreviations mostly used by adolescents, as well as to understand how language is managed by these individuals in the expression of the phenomenon. In order to reach these objectives, the *Cyberbullying* Observer Inventory (IIOC) was applied to a group of public schools in central Portugal (N = 447). The findings from content analysis revealed that the language used by Portuguese adolescents in *cyberbullying* incidents was mostly included in the category of insults (52.15% of the sample) with vulgar content or vulgarisms. Moreover, the majority of the participants (50.9% of the sample) reported that they intervened with

more adequate language, which not only corroborates the fact that we found most commonly language, as, by contrast, shows that young people themselves, for the most part, consider it inadequate and prefer to use a kind of finer language.

Keywords: *Cyberbullying*, Adolescents; Language

Índice

Resumo	3
Abstract	5
Introdução	8
Capítulo I – Enquadramento Teórico	10
1.Do bullying ao <i>Cyberbullying</i>	10
2.Os intervenientes em situações de <i>cyberbullying</i>	11
3. <i>Cyberbullying</i> : prevalência e investigação	12
4.A linguagem como expressão de comportamentos de <i>cyberbullying</i>	16
Capítulo II – Metodologia de investigação	21
1.Participantes	21
2.O Instrumento: Inventário de Incidentes Observados de <i>Cyberbullying</i> (I.I.O.C.).....	22
3.Procedimentos	23
4. Análise de dados	24
Análise de Conteúdo	24
Análise dos dados Quantitativos	25
Capítulo III – Apresentação e Discussão de Resultados	26
Implicações para a prática	33
Limitações e sugestões para estudos futuros.....	34
Referências Bibliográficas	36

Introdução

Nas últimas duas décadas, o crescente desenvolvimento das novas tecnologias de informação e de comunicação (TIC) conduziu à utilização massiva de vários dispositivos eletrónicos, tais como: computadores portáteis, *tablets*, e os cada vez mais sofisticados telemóveis (Slonje & Smith, 2008). A investigação sobre o *cyberbullying* está ainda numa fase inicial, pois o fenómeno é ainda recente, a utilização de aparelhos eletrónicos como computadores e telemóveis aumentou junto dos jovens (Slonje & Smith, 2008). Todos estes exemplos têm em comum o acesso à Internet que, como supra mencionado, trouxe contudo várias vantagens no dia-a-dia de quem os utiliza. Porém, os problemas surgem quando, aliada a esta facilidade de contacto quase permanente via Internet, a maioria da população que os utiliza se encontra ainda pouco preparada para uma correta utilização das TIC e, acima de tudo, dos conteúdos a que estes jovens e adolescentes poderão ter acesso ao utilizar este tipo de ferramentas digitais (Kowalski, Limber, & Agatston, 2012).

Tendo em conta que nos dias que correm estes jovens e adolescentes conseguem facilmente ter acesso à Internet fora de casa, a capacidade de controlo por parte de adultos sobre uma utilização adequada destes meios de comunicação acaba por perder-se (Kowalski, Limber, & Agatston, 2012). Consequentemente, ao encontrarem-se sem vigilância por parte de adultos, é relativamente fácil os jovens fazerem uma utilização pouco cautelosa da Internet. São eles que mais utilizam redes sociais como o *Facebook*, o *Instagram*, o *Twitter*, o *Snapchat*, por exemplo, e recorrem ao envio de SMS através do telemóvel (Kowalski, Limber, & Agatston, 2012).

Tendo em conta que o *cyberbullying* tem um impacto considerável na vida dos jovens, afetando cada vez mais indivíduos e acarretando consequências nocivas para a sua saúde mental e psíquica, bem como para a sua convivência e relacionamentos interpessoais (Anderson & Sturm, 2007), a investigação nesta área deve prosperar e

ganhar relevância por forma a fazer frente aos perigos do *cyberbullying* (Anderson & Sturm, 2007).

As definições propostas para o *cyberbullying* são inúmeras tomando por base o conceito inicial de bullying, cujos atos de violência, injúrias ou maus tratos de forma repetida imperam, só que neste caso, é feito *online* ou através de *sms* passando a estar a poder ser exercido para milhares de pessoas (Anderson & Sturm, 2007). Smith, Mahdavi, Carvalho, Fisher, Russell e Tippett (2008), definem *cyberbullying* como sendo um ato agressivo, intencional, levado a cabo por um grupo ou por um indivíduo, com recurso à utilização de dispositivos eletrónicos, repetidamente ao longo do tempo contra uma vítima, ou várias, que não se consegue(m) defender facilmente.

Com a investigação deste tema deparámo-nos com as consequências que dele advêm. Isto é, o *cyberbullying* resulta num impacto psicológico e social significativo, tanto para as vítimas, como para os agressores (Hinduja & Patchin, 2010). Neste sentido, não é de estranhar que este fenómeno tenha vindo a ser identificado como um fator que contribui para a depressão e suicídio das vítimas (Hinduja & Patchin, 2010). Contudo, a pertinência do presente estudo está relacionada com a lacuna que existe neste momento em Portugal, uma vez que são escassos os estudos que se referem à linguagem utilizada pelos jovens perante fenómenos de *cyberbullying*.

Assim, os objetivos desta investigação são: primeiramente, conhecer que tipo de linguagem é utilizada pelos adolescentes em situações de *cyberbullying*, em segundo lugar, verificar de que forma é que os adolescentes se apropriam desta linguagem.

Capítulo I – Enquadramento Teórico

1. Do bullying ao *Cyberbullying*

A violência psicológica na escola põe em causa o bem-estar e o respeito pelos direitos humanos de todos os membros da comunidade escolar, quer sejam alunos ou professores (Freire, Veiga Simão & Ferreira, 2006), e ganha novos contornos devido à possibilidade e facilidade de acesso a meios tecnológicos. Com o desenvolvimento das novas tecnologias da informação e da comunicação, como já vimos anteriormente, o bullying tomou uma nova forma de expressão – o *cyberbullying*, ou seja, uma forma de bullying exercido por meio das novas tecnologias (Neves & Pinheiro, 2009; Amado, Matos, Pessoa & Jäger, 2009).

O conceito de *cyberbullying* foi utilizado pela primeira vez por Bill Belsey em 2005 e provém dos termos ingleses “*cyber*” que se refere à utilização das novas tecnologias de informação e de “*bullying*” que se refere ao intuito de importunar, ridicularizar e ameaçar os outros de forma intencional. Surge através de telemóveis a partir dos *SMS* e *MMS* ou pela *Internet*, associado às redes sociais (*Facebook*, *Instagram*, *Snapchat*, *Twitter*, entre outras) ou por correio eletrónico (Neves & Pinheiro, 2009).

O *cyberbullying* define-se, portanto, como o bullying que é praticado através das novas tecnologias e é neste momento considerado um dos problemas com que os jovens se debatem e que dia para dia está a aumentar devido à presença nas redes sociais (Neves & Pinheiro, 2009). Hinduja e Patchin (2009) apresentam uma definição de *cyberbullying* que resume todas as suas principais características. Estes autores consideram o *cyberbullying* como danos deliberados e repetidos infligidos a partir da utilização de computadores, telemóveis e outros aparelhos eletrónicos.

Smith et al. (2008) definem *cyberbullying* como sendo um ato agressivo, intencional, levado a cabo por um grupo ou por um indivíduo, com recurso à utilização

de dispositivos eletrônicos, repetidamente ao longo do tempo contra uma vítima, ou várias, que não se conseguem defender facilmente.

O anonimato que este tipo de agressão permite tem sido reconhecido como potenciador de comportamentos anti-sociais e como um factor que diminui comportamentos de ajuda por parte dos observadores (Dooley & Cross, 2009). Isto porque, enquanto no bullying vítima e agressor estão frente a frente e se conhecem, no *cyberbullying* a vítima desconhece quem está sob anonimato e esse mesmo estado de anonimato pode inclusivamente fazer com que a agressão seja exacerbada pela aparente confiança que o seu autor pode ter pelo facto de não ser (re)conhecido.

Tendo em conta a especificidade das características e respetivas consequências negativas deste fenómeno, percebemos rapidamente que se torna premente uma intervenção neste domínio de investigação, nomeadamente a um nível preventivo, tomando por base a linguagem utilizada pelos adolescentes em *cyberbullying* como âncora basilar desta intervenção. O nível de importância deste tema aumenta exponencialmente se tivermos em conta a existência de vários autores que referem que as consequências negativas do *cyberbullying* são mais severas do que as do *bullying* (Desmet et al., 2014).

2.Os intervenientes em situações de *cyberbullying*

O *cyberbullying* tem um enorme impacto para além do momento em que é executado, uma vez que o que é colocado na Internet irá permanecer *online* ultrapassando deste modo os limites do espaço pessoal e físico (Amado, Matos, Pessoa, & Jäger, 2009). Tal como o *bullying*, também o *cyberbullying* se baseia numa assimetria de poder, mas no último caso, esta assimetria assenta noutras fontes de poder, como por exemplo competências e vantagens no domínio das tecnologias (Amado, Matos, Pessoa, & Jäger, 2009).

Tendo em conta as características do *cyberbullying*, é possível ocorrer sobreposição de papéis, ou seja, é possível que uma vítima se transforme num agressor ou vice-versa ou até mesmo que um observador se torne vítima ou agressor, porém pouca investigação existe atualmente sobre este tema e, nesse sentido, torna-se importante compreender as formas de atuação dos agressores, das vítimas e dos observadores num incidente de *cyberbullying*. (Amado, Matos, Pessoa, & Jäger, 2009).

Segundo Neves e Pinheiro (2009) podemos dividir os *cyberbullies* em dois tipos: os “acidentais” e os “adictos”. O *cyberbully* acidental é identificado como aquele que usa as novas tecnologias para gozar ou como forma de vingança. Já o *cyberbully* adicto é aquele que opta pela vingança que ocorre muitas vezes quando acaba uma relação amorosa.

Além das vítimas, os agressores também estão em risco de virem a desenvolver problemas psicossociais, como sejam pobres relações pai / como por exemplo, filho, uso de drogas, delinquência e depressão (Ybarra & Mitchell, 2004). Carla Galego (2004) menciona que, atualmente, o poder dos meios de comunicação social surge com a transmissão da violência que é cada vez maior e muito mais agressiva, nomeadamente a hostilidade verbal, que se manifesta através do uso de palavras ou expressões, como ameaças, críticas ou insultos. Relativamente à agressividade física, esta ocorre através do contato físico entre a vítima e o agressor mediante ataques físicos tais como: empurrar, bater, esmurrar, pontapear, entre outros.

3.Cyberbullying: prevalência e investigação

De um modo geral, a violência em meio escolar tem vindo a aumentar de ano para ano e a insegurança nas escolas é uma realidade vivida por crianças, jovens, pessoal docente e não docente (Hernández Prados & Solano Fernandez, 2007). A nível nacional, os estudos existentes com amostras representativas revelaram que de 1198 inquiridos,

42,5% dos alunos entre os 11 e os 16 anos nunca sofreram nem estiveram envolvidos em comportamentos de *bullying*, mas 10,2% dizem-se agressores e 21,4% indicam serem vítimas (Carvalhosa, Lima Matos, 2001; Carvalhosa Matos, 2004, citado por Carvalhosa, 2008).

O *cyberbullying* só recentemente começou a ser discutido e investigado nas escolas. Os estudantes parecem não visualizar a comunidade escolar como um recurso útil quando se trata de lidar com o *cyberbullying* e tendem a contar mais a revelar aos pais situações de *cyberbullying* do que aos professores, principalmente se forem questões mais ameaçadoras (Agatson, Kowalski & Limber, 2007).

Um estudo recente de Martins, Francisco, Veiga Simão e Ferreira (2015) relata que os estudos realizados até então se basearam na sua maioria em investigações com pequenas amostras, normalmente com o objetivo de diagnosticar situações nas escolas, com a intenção de criar futuras intervenções (Amado, Matos & Pessoa, 2009b; Amado, Matos, Pessoa & Jäger, 2009).

Sendo o *cyberbullying* um fenómeno que está associado ao sofrimento, sobretudo ao daqueles que o vivem como vítimas, mas também ao de alguns dos que agredem, mesmo quando mesmo quando por motivos meramente jocosos, bem como ao daqueles que com eles interagem, é interessante verificar que os dados obtidos corroboram as expectativas iniciais. Assim, encontraram-se dados que apontam efetivamente para uma sensibilidade reduzida, por parte dos agressores, ao sofrimento. (Caetano, et.al, 2016)

Num outro estudo realizado com jovens portugueses foram encontradas algumas diferenças significativas de acordo com o sexo e o nível de escolaridade, bem como algumas relações significativas entre emoções e motivos dos agressores. (Caetano, et. al, 2016). Caetano, et. al, (2016) concluiu também, à semelhança do que acontecera

em estudos anteriores, que os estudantes, em função do papel desempenhado – de vítima ou de agressor –, têm perceção diferente dos motivos do *cyberbullying*. As vítimas tendem a enfatizar motivos instrumentais, de afiliação e de poder, como inveja, ciúme, falta de respeito e um sentimento de superioridade, e motivos pessoais, como a imaturidade. Por seu lado, e em comparação, os agressores enfatizam, mais do que as vítimas, motivos reativos, como vingança e retaliação de agressão, e motivos de diversão, como brincadeira e fuga ao tédio. Estes resultados poderão ser importantes para o presente estudo tendo em conta o segundo objetivo do mesmo - verificar de que forma os adolescentes se apropriam da linguagem utilizada neste fenómeno.

Num estudo realizado em Portugal por Pereira, Spitzberg e Matos (2016) foram descobertas algumas evidências de que a maioria dos adolescentes em Portugal é vítima de várias formas de *cyber-assédio* e ficou patente que muitas destas vítimas são simultaneamente agressores, praticando também elas *cyber-assédio*. Esta conclusão levou Pereira, Spitzberg e Matos (2016) a crer que surge aqui uma nova perspetiva de assédio online que consiste num processo dinâmico complexo e, muitas vezes, recíproco. Estes fatores podem, deste modo, ser utilizados como forma de identificação de adolescentes vulneráveis, agressores que apresentem um maior risco de *cyber-assédio* e os danos psicológicos que este pode causar. Torna-se, assim, cada vez mais urgente uma intervenção junto de adolescentes, pais e professores no sentido de se promover o apoio psicológico necessário para minimizar os danos que este fenómeno acarreta.

Com a participação de 3525 adolescentes portugueses de diversas escolas portuguesas, o estudo de Martins, et. al (2016) visou esclarecer o modo como a qualidade do ambiente familiar está relacionada com o envolvimento em comportamentos de *cyberbullying*, quer seja quando o interveniente é cyber-vítima, quer seja nos contextos em que é cyber-agressor, os resultados evidenciaram que existem dois aspetos familiares

igualmente importantes no que respeita à proteção contra o *cyberbullying*: perceção de apoio familiar e perceção de regras dentro da família. Os autores verificaram que a perceção de apoio familiar é mais preditiva para a cyber-vitimização e a perceção de regras dentro da família mais preditiva de cyber-agressão, concluiu-se que a falta de apoio familiar e de regras eram sinal do comportamento de agressão cibernética.

Podemos assim relacionar os estudos aqui referidos com o presente estudo tendo em conta a sua importância no estabelecimento das questões de investigação seguintes: primeiramente, conhecer que tipo de linguagem é utilizada pelos adolescentes em situações de *cyberbullying*, e posteriormente, verificar de que forma é que os adolescentes se apropriam desta linguagem.

Num estudo publicado em 2017 onde foi aplicado um questionário a 3525 adolescentes do 6º, 8º e 11º anos de escolaridade para compreender a incidência do fenómeno do *cyberbullying* e analisar os processos a ele associados, bem como as motivações subjacentes percebidas pelos jovens portugueses, os motivos mais invocados pelos que desempenham o papel de agressor foram processos hedonistas, relacionados com brincadeira, diversão e fuga ao tédio, bem como motivos de filiação e reativos (Amado, et. al, 2017). Já os participantes que se identificam como vítimas atribuem aos seus agressores motivos de filiação, hedonistas e de poder, com ênfase particular, por ordem decrescente, para a inveja, a diversão, a imaturidade, o ciúme, a falta de respeito, a ausência de afeto e os sentimentos de superioridade. Por conseguinte, os resultados evidenciados neste estudo sugerem que a divisão entre agressão reativa e instrumental, enquanto funções diferenciadas da agressão em contextos face a face, é também uma classificação pertencente aos contextos “virtuais” (Amado, et. al, 2017).

4.A linguagem como expressão de comportamentos de *cyberbullying*

Nos contextos de *cyberbullying* a linguagem pode assumir várias formas. Isto é, o modo como é realizado o *cyberbullying* pode ser através de imagem (vídeo, fotografias íntimas e/ou pejorativas) ou de linguagem escrita ofensiva com ou sem ameaças. Segundo Al-garadi, et.al (2016), os agressores usam uma tecnologia muito ampla e em constante desenvolvimento. Isto é importante para compreender e caracterizar as várias interações sociais, tais como mensagens em fóruns e na internet que sejam prejudiciais. Além disso, as mensagens noutros espaços na internet são importantes uma vez que aparecem em várias práticas de *cyberbullying* e têm características que podem potenciar os danos de um ataque como o anonimato, a permanência (ou seja, um *post* que pode ser visto muitas vezes), e a visibilidade pública (por exemplo, o facto de ser um *post* com visualização pública permite que outros indivíduos possam juntar-se a um ataque). O agressor e o observador de *cyberbullying* podem enviar *posts* num fórum para atingir uma vítima. Esta visibilidade pública pode conduzir a que um agressor e um observador de *cyberbullying* possam trocar posts entre si para atingir uma vítima de forma concertada.

Se um *post* no fórum é agressivo e tem como alvo uma vítima, o identificador associado ao *post* no fórum é rotulado como um "atacante", que inclui tanto agressor como quem fica a assistir a esse mesmo ataque. (Al-garadi, et.al, 2016).

Os ataques de *cyberbullying* podem acontecer em qualquer lugar e a qualquer momento (por exemplo, um indivíduo pode receber mensagens em casa à noite) dado que os ataques são menos personalizados quando comparados com o *bullying*, que é feito cara-a-cara (Kowalski & Limber, 2007). Outra forma de atacar a vítima socialmente passa pelo envolvimento de terceiros no envio e-mails anónimos ou mensagens de texto de telemóvel de um número desconhecido (Dooley, Pyzalski, e Cruz, 2009), publicar informações de contato de uma vítima, ou por espalhar rumores sobre esta última mesma.

A possibilidade de uma vítima identificar parcialmente um atacante ou características de um agressor pode ser importante. Se a vítima tiver informações sobre o atacante, em seguida, o desequilíbrio de poder resultante de um agressor ser anónimo pode ser reduzido. O anonimato pode ser um recurso útil para a classificação de um *post* agressivo num fórum ou como um atacante ou defensor. (Al-garadi, et.al, 2016)

A popularidade que as redes sociais têm tido junto dos seus utilizadores levaram a que aumentasse a preocupação relativamente àquilo que é escrito. Neste sentido, Al-garadi, et. al (2016) propuseram uma intervenção ao nível da linguagem escrita utilizada na rede social *twitter* em que criaram um modelo de deteção da presença de linguagem que incide um episódio de *cyberbullying*, tentando, através deste modelo, que este tipo de linguagem fosse detetada e, logo, que pudesse vir a ser controlada. Assim sendo, os objetivos da presente investigação vão trazer um importante contributo para o estudo do fenómeno do *cyberbullying*. Primeiramente, porque se pretende conhecer que tipo de linguagem é utilizada pelos adolescentes em Portugal em situações de *cyberbullying*, e, seguidamente, iremos verificar de que forma os adolescentes se apropriam desta linguagem.

As pesquisas de Piaget (1923, 1924) mostram que os fatores sociais e culturais são aqueles que promovem o desenvolvimento do pensamento. Por outras palavras, a aquisição da linguagem e a interação social (a troca e cooperação entre indivíduos) explicavam, naquela época, a evolução do pensamento e da linguagem.

Segundo Miranda & Senra (2012) existe uma articulação dos construtos de Piaget, Vygotsky e Maturana para a compreensão do processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem. Embora haja algumas controvérsias entre as diferentes conceções, o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem para os três autores possui um fator comum: a importância das ações realizadas por um indivíduo. Tais ações são

essencialmente constituídas por emoções decorrentes, proporcionadas e identificadas desde as primeiras interações e experiências que o indivíduo estabelece e a vivência com outros indivíduos (inicialmente, os cuidadores) ao longo de seu desenvolvimento, o que o habilita a organizar as suas experiências através de um processo psicológico básico tipicamente humano – a linguagem. De acordo com Vygotsky (1998), há divergências entre eles, sobretudo no que concerne às funções da fala egocêntrica. Enquanto para este autor a fala egocêntrica deve ser concebida a partir da compreensão da função primordial da fala, que é o contacto social e a comunicação, e cuja função consiste na transferência dos modos sociais e cooperativos de conduta para o âmbito das funções psíquicas superiores e pessoais, para Piaget esse tipo de comunicação não objetiva, caracteriza-se por ser uma fala consigo mesmo desprovida de intencionalidade, e sem qualquer funcionalidade útil para o comportamento da criança. (Miranda & Senra, 2012)

Para Piaget (1967; 2007) a base da inteligência e do exercício da atividade da função simbólica, o período do estágio sensório-motor, são de suma importância visto que nesse momento um indivíduo executa ações sobre o meio que traduzem motivo em necessidade, a qual é expressa através de novas ações num constante processo de reajustamento e equilíbrio que se torna cada vez mais complexo. Isto é o que vai possibilitar o aparecimento da linguagem e tornar as estruturas de pensamento cada vez mais refinadas. Já Vygotsky (1998; 2007), ainda que tenha feito claras críticas às construções de Piaget, sobretudo no que concerne ao método de investigação, também aponta a importância das ações no curso do desenvolvimento da linguagem, porque o uso de instrumentos (ação, percepção tátil e visual) está diretamente relacionado (ou condicionado) relacionado com o funcionamento da fala, os quais se associam e dão origem a novos e complexos comportamentos. (Miranda & Senra, 2012).

A linguagem tem uma função social: é através dela que se estabelecem intercomunicações, relações etc. Um aspeto do estudo de Vygotsky, porventura o mais relevante, o mais inovador e o que mais marca o seu pensamento, refere-se à comunicação, à interação social enquanto função primordial da fala. É para comunicar que o homem cria e utiliza os sistemas de linguagem, e é a necessidade de comunicar que impulsiona o seu desenvolvimento. (Brites & Cássia, 2012)

A linguagem tem sido tradicionalmente considerada como um fenómeno comportamental, com um estatuto lógico semelhante a outros fenómenos, como a aprendizagem, a memória e o pensamento. (Ribes-Iñesta, 2006) Com base na noção de linguagem de Wittgenstein, o idioma não se limita a um fenómeno psicológico, constitui dimensões funcionais sob as quais o comportamento humano se desenvolve e se torna significativo. Foram propostas três dimensões de linguagem relevantes para o comportamento humano: a) como meio, b) como um instrumento, e c) como forma de vida. (Ribes-Iñesta, 2006)

A linguagem fornece sentido para todo o comportamento humano na medida em que coisas, eventos, pessoas, valores, objetivos e qualquer elemento concebível na vida humana é tratado através da linguagem (Ribes-Iñesta, 2006). Neste sentido, pretende-se perceber o tipo de linguagem que é utilizada pelos jovens em situações de *cyberbullying*. Pretende-se de igual forma, para além de ficar a conhecer as expressões mais utilizadas pelos nossos jovens nos dias que correm, perceber como os adolescentes se apropriam dessa linguagem. Neste sentido, surgiram as seguintes questões de investigação:

Questão 1. Que tipo de expressões são utilizadas pelos adolescentes em situações de *Cyberbullying*?

Questão 2. De que forma é que os adolescentes se apropriam desta linguagem?

Capítulo II – Metodologia de investigação

Este é um estudo exploratório e descritivo das expressões utilizadas pelos observadores de *cyberbullying* numa amostra por conveniência de estudantes do 3º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário públicos de um agrupamento de escolas da zona centro de Portugal. O presente estudo utiliza uma metodologia quantitativa e qualitativa operacionalizada por um inventário designado por “Inventário de Incidentes Observados de *Cyberbullying*” (I.I.O.C.). Este estudo está inserido no projeto da FCT, *Cyberbullying: A regulação do comportamento através da linguagem* (TDC/MHCPED/3297/2014).

1.Participantes

Do total da amostra deste estudo, salienta-se que 232 participantes são do sexo feminino (51,9 %) e que 215 participantes são do sexo masculino (48,1 %), com idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos. Na amostra total, quanto à idade e ao género, a maior percentagem de participantes situa-se nos 12 anos de idade (153 participantes, 34,2 %). No que respeita à caracterização da amostra, a maioria encontra-se no 10.º ano de escolaridade (18,1%).

Relativamente à utilização das novas tecnologias, 98% dos participantes revelam ter telemóvel, 94,4% dizem possuir um computador, 77,4% têm um *tablet* e 69,6% mencionam também ter também uma consola. Quanto ao tempo de acesso à internet, os resultados mais elevados evidenciam que 30,2% dos jovens dizem passar entre 1 a 2h por dia na internet, 26,4% revelaram passar entre 3 a 4h diárias e 16,6% admitem passar mais de 6h por dia ligados à internet.

2.O Instrumento: Inventário de Incidentes Observados de *Cyberbullying* (I.I.O.C.)

Foram utilizados dois questionários (Questionário de expressões utilizadas em incidentes de *cyberbullying* e o Questionário sobre a apropriação da linguagem de *cyberbullying*) que fazem parte do Inventário de Incidentes Observados de *Cyberbullying*(I.I.O.C.) (Ferreira, P., Veiga Simão, A.M., Paulino, P., Souza, S. B., & Francisco, S. M. (2016). A primeira parte do inventário é constituído pelo questionário de dados demográficos. A segunda parte contém vários questionários relacionados com diversas questões sobre o *cyberbullying*.

Para efeitos de caracterização da amostra do presente estudo, foi utilizado o questionário de dados demográficos e os questionários referentes aos agressores, vítimas e observadores de incidentes de *Cyberbullying*.

1 - Questionário de expressões utilizadas em incidentes de *cyberbullying*, constituído por uma pergunta de resposta aberta em que se solicita os respondentes para pensarem nas situações de *cyberbullying* e escreverem exatamente as palavras, expressões e/ou frases de que se recordam, mesmo se acharem esta linguagem menos correta.

2- Questionário sobre a apropriação da linguagem de *cyberbullying* em que se solicita ao respondente que assinale o tipo de impacto que a linguagem observada em situações de *cyberbullying* teve nele. Os respondentes têm 10 opções (“Adotei a linguagem para brincar com os meus amigos”; “Adotei a linguagem para fazer o mesmo que vi”; “Ignorei a linguagem que vi”; “Foi-me indiferente porque já conhecia esse tipo de linguagem”; “Senti nojo da linguagem utilizada”; “Achei a linguagem chocante”; “Fiquei com vontade de intervir com a mesma linguagem”; “Fiquei com vontade de intervir com linguagem mais adequada”; “Intervim com a mesma linguagem”; “Intervim com linguagem mais adequada”) e podem assinalar mais do que uma opção.

No que concerne à **pergunta de resposta aberta** do estudo, esta solicitava que os participantes se recordassem das palavras, expressões e/ou frases utilizadas em incidentes de *cyberbullying* e o *Questionário de Apropriação da Linguagem de Cyberbullying* – em que se perguntou aos alunos qual a sua reação à linguagem que observaram (referente ao item de resposta aberta).

A precisão do instrumento utilizado foi avaliada através de uma análise de consistência interna (Cálculo do Alfa de *Cronbach*), tendo em consideração que o resultado correspondente à apropriação da linguagem pelos jovens adolescentes correspondeu a um resultado $\alpha = 0.75$.

3.Procedimentos

O protocolo de recolha de dados teve a aprovação da Comissão Nacional de Proteção de Dados (nº 5417/2016) e da Direção-Geral de Educação do Ministério de Educação e Ciência (Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar nº 0145400009). Obteve-se a aprovação pela Comissão de Deontologia (Ata nº 3 de 2016) da Faculdade de Psicologia.

Para a recolha dos dados, a direção de um agrupamento de escolas de ensino público foi contactada de forma a apurar o seu interesse no presente estudo. Neste primeiro contacto foi enviada uma informação de apresentação/explicação do estudo, bem como dos seus objetivos para aprovação da direção da escola. Após a aceitação da escola, todos os Encarregados de Educação dos jovens, com as idades pretendidas, foram convidados a permitir a participação dos seus educandos no projeto, através de um consentimento informado, com a informação relativa ao estudo, onde comunicaram a sua decisão. No documento, para além de ser descrito o estudo, era assegurada a confidencialidade, a presença de um psicólogo sempre que solicitado pelos alunos e era dada a informação de que os participantes poderiam desistir a qualquer momento do estudo. Após terem sido recebidas as autorizações dos Encarregados de Educação

procedeu-se à recolha dos dados. Os questionários foram aplicados pelos investigadores do projeto aos adolescentes em contexto de sala de aula. Após a recolha dos dados, estes foram introduzidos no programa estatístico SPSS.

4. Análise de dados

Análise de Conteúdo

De forma a garantir a fiabilidade do processo da análise temática realizada recorreu-se à colaboração de juízes externos. Segundo o autor Amado (2014), este processo requer que pelo menos uma pessoa proceda à categorização de uma amostra aleatória do documento em análise para posteriormente se poder comparar as codificações realizadas pelos juízes com as do investigador.

Foi utilizado o sistema de categorização construído no âmbito do Projeto de Investigação *Cyberbullying: A regulação do comportamento através da linguagem* (TDC/MHCPED/3297/2014. Os investigadores do referido projeto, para acautelarem a fidelidade dos resultados, procederam à definição operacional das categorias. Os dados foram categorizados a partir dos comportamentos de *cyberbullying* incluídos no IIOC e utilizando-se o *software* NVivo, tendo colaborado como juiz, categorizando 1669 proposições com sentido. Este trabalho foi realizado por dois juízes com um bom nível de concordância de 85%, $ICC(2.2) = .85$.

Importa aqui salientar que foram utilizadas para esta análise proposições com sentido como unidade de corte, sendo a unidade de contexto as respostas de alunos adolescentes.

O processo de análise de conteúdo temática iniciou-se com análise de todas as respostas dadas à seguinte pergunta: ***“Pensando nestas situações de cyberbullying, escreve exatamente as palavras, expressões e/ou frases de que te recordas, mesmo se***

achares esta linguagem menos correta.”. Seguidamente, procedeu-se à codificação desses excertos que deram origem a nove categorias: 1. *Ameaças* (enviar repetidamente mensagens a intimidar alguém); 2. *Assédio com conteúdos de caráter sexual* (enviar repetidamente mensagens de assédio com conteúdos de caráter sexual); 3. *Gozar* (enviar repetidamente mensagens com o objetivo de ridicularizar alguém); 4. *Insultos* (enviar repetidamente mensagens insultuosas com o objetivo de ofender alguém); 5. *Mostrar que tem informação sobre a vida privada de outra pessoa* (enviar repetidamente mensagens a afirmar ou insinuar que possui informações sobre a vida privada de outra pessoa); 6. *Revelação de dados sobre a vida privada* (enviar repetidamente mensagens revelando dados sobre a vida privada de alguém, com o objetivo de magoar a reputação e/ou amizades); 7. *Utilizar a imagem sem autorização* (enviar repetidamente mensagens, referindo que a imagem de alguém foi utilizada sem autorização); 8. *Desvalorização da vida* (enviar repetidamente mensagens de desvalorização da vida pessoal e social desejando mal ao outro ou sugerindo que o outro acabe com a própria vida); 9. *Fazer-se passar por outra pessoa – enviar repetidamente mensagens* (por vezes aparentemente inofensivas, mas também auto-difamatórias, ou insultuosas a outras pessoas) fazendo-se passar por outra pessoa.

Análise dos dados Quantitativos

Os dados foram introduzidos e analisados estatisticamente utilizando-se o programa estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 22.0. Para analisar os dados obtidos, calcularam-se frequências.

Capítulo III – Apresentação e Discussão de Resultados

A presente investigação propôs-se a responder a duas questões de investigação: a primeira diz respeito a que tipo de linguagem é utilizado pelos adolescentes em situações de *Cyberbullying*? A segunda pretende saber de que forma os adolescentes se apropriam desta linguagem?

No que respeita ao tipo de expressões utilizada pelos jovens portugueses em situações de *cyberbullying* (questão de investigação 1), os quadros que se seguem (2.1 a 2.8) mostram quais as categoriais com maior percentagem/incidência encontrada nesta amostra, onde se encontram designadas cada uma das categorias e sub-categorias e são apresentadas as suas definições para que possam posteriormente ser discutidas e interpretadas.

Importa destacar que mais de metade da amostra (52,15%) referiu expressões que se coadunam com a categoria dos insultos, sendo 17,39% são insultos de conteúdo vulgar (e.g. “*a tua mãe é uma puta*”), seguindo-se dos insultos às características pessoais (10,93%), especialmente no que se refere ao próprio (e.g. “*não prestas, és feio*”). Este valor maioritário aqui encontrada para a importância da linguagem como meio de comunicação e inter-relação pessoal como defende Vygotsky.

No presente estudo, a maioria dos resultados evidenciaram uma maior frequência de expressões no âmbito da categoria dos insultos, especialmente de conteúdo vulgar e ao próprio para que este se sinta magoado e/ou inferiorizado (os insultos à inteligência apresentam um resultado de 9,60%).

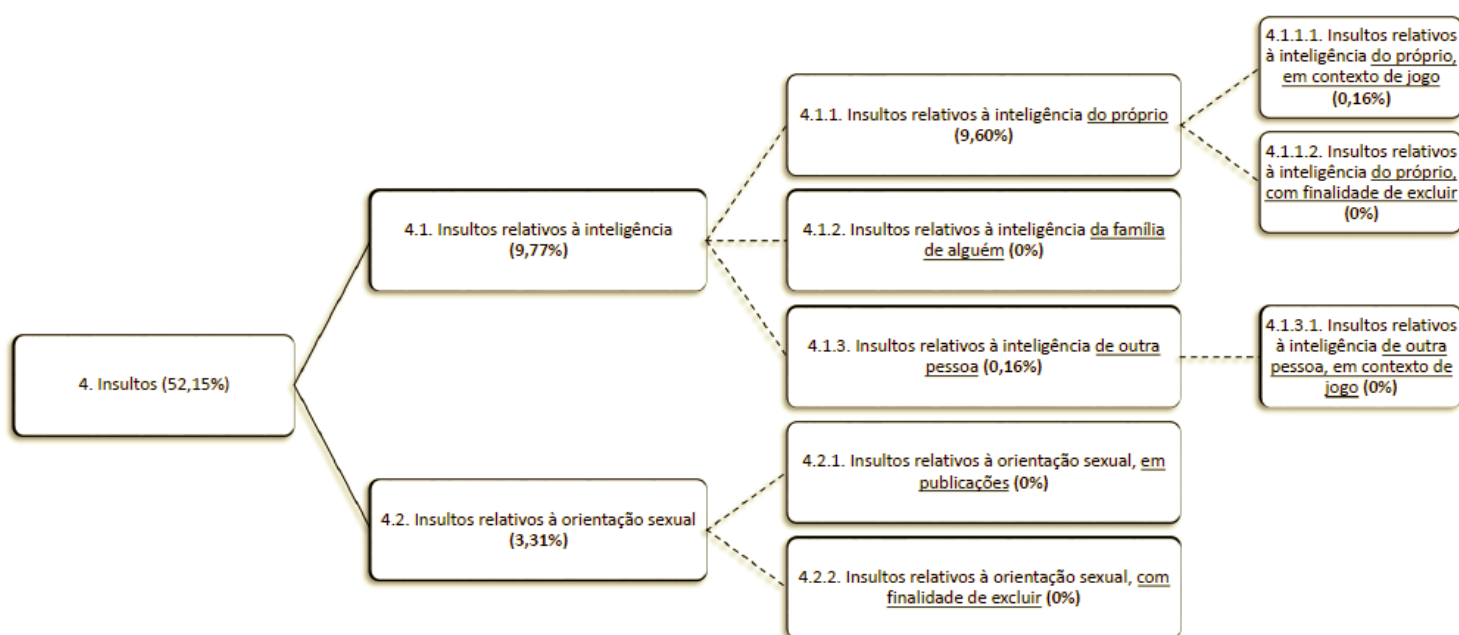


Figura 1. Categoria Insultos – 4.1. e 4.2

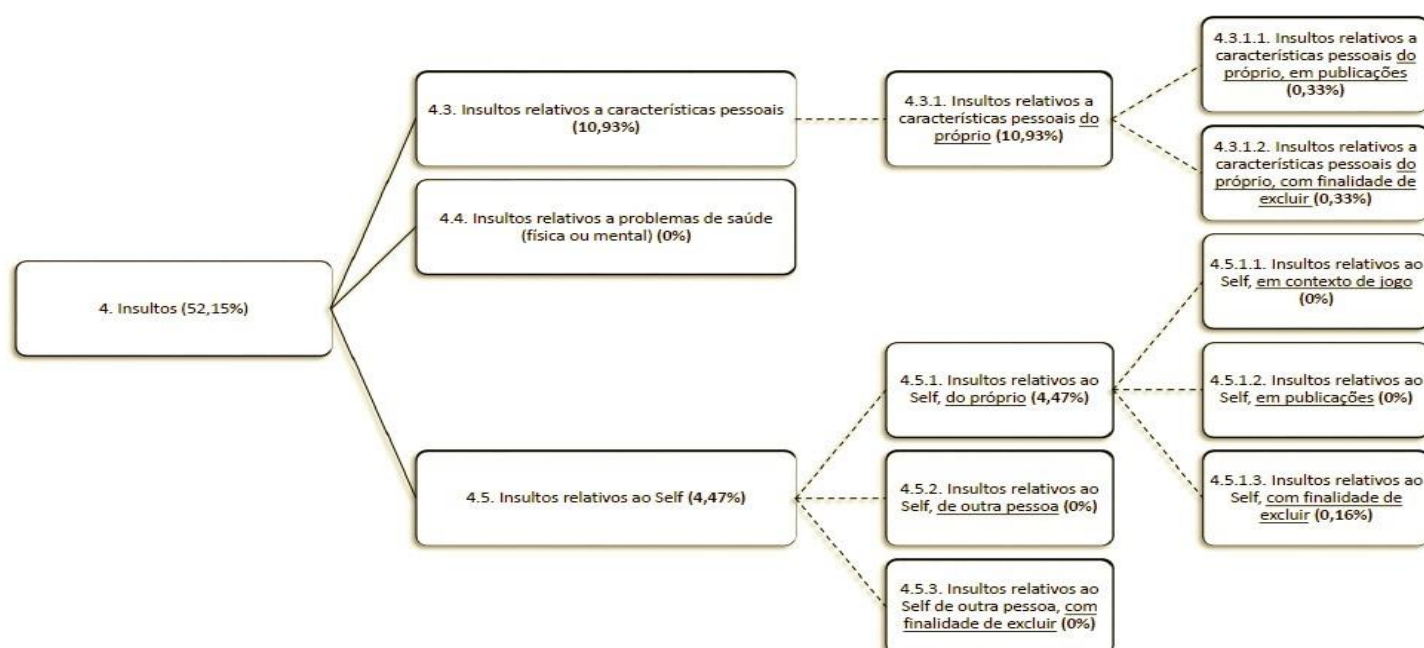


Figura 2. Categoria Insultos – 4.3, 4.4 e 4.5

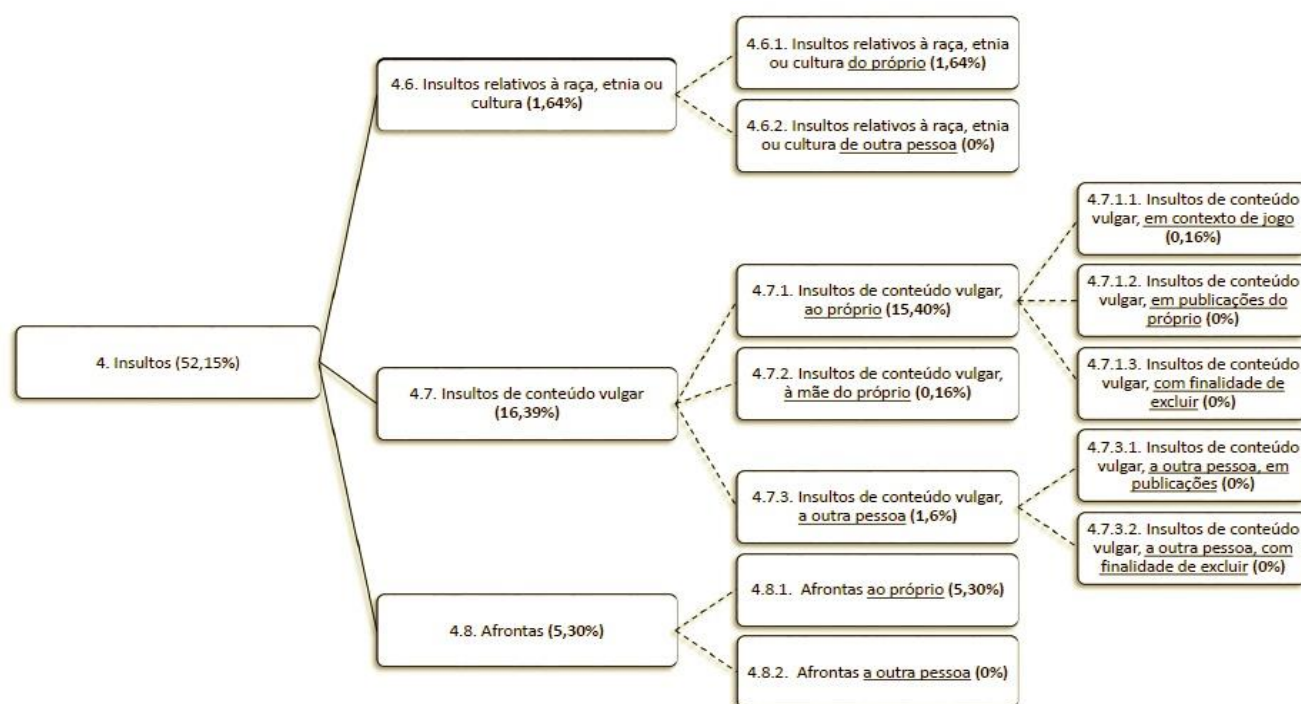


Figura 3. Categoria Insultos – 4.6, 4.7 e 4.8

A segunda categoria mais mencionada foram as ameaças (16,55%), sendo a sua maioria centrada na sub-categoria “ameaças diretas à integridade física e psicológica” (10,26%), mas, uma vez mais, dentro desta sub-categoria a que obtém maior expressão é a das “ameaças diretas à integridade física e psicológica do próprio” (9,60%, e.g. “*eu vou-te matar, eu vou-te raptar*”). Deste modo é possível verificar que no presente estudo os resultados estão de acordo com os resultados encontrados por Amado et al., (2017) em que os participantes que se identificam como vítimas atribuem aos seus agressores motivos de poder que o agressor exerce sobre a vítima.

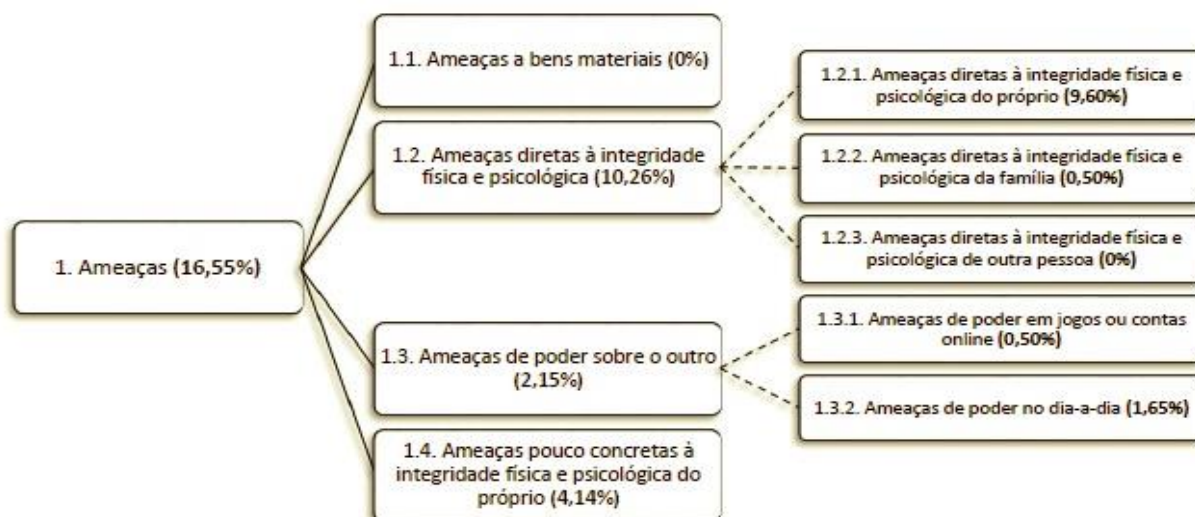


Figura 4. Categoria Ameaças – 1.1; 1.2; 1.3 e 1.4

O presente estudo, comparativamente aos realizados ao momento presente, tem como objetivo estudar as expressões dos adolescentes em contextos de *cyberbullying*. Neste âmbito, o tipo de linguagem utilizada pode expressar certo tipo de comportamentos que se situam além da linguagem propriamente dita (de forma direta). Isto é, neste estudo foram encontrados outros tipos de categorias relativas à linguagem utilizada por adolescentes portugueses em *cyberbullying*— ainda que com uma percentagem mais reduzida quando comparada com as categorias “insultos” e “ameaças” – tais como: “5. *Mostrar que tem informação sobre a vida privada de outra pessoa*” (4,80%), “6. *Revelação de dados sobre a vida privada*” (6,62%), “7. *Utilizar a imagem sem autorização*” (2,15%), “8. *Desvalorização da vida*” (2,15%) e “7. *Fazer-se passar por outra pessoa*” (1,49%).¹

Na primeira questão de investigação, os resultados que obtiveram maior expressão na amostra sugerem conclusões não encontradas na literatura já existente de estudos feitos em Portugal, principalmente pelo facto de neste estudo a linguagem ser contemplada. Isto porque, até então, a maioria dos estudos feitos em Portugal dentro da temática do

¹As percentagens e exemplos de cada uma das categorias e sub-categorias encontram-se no texto em anexo.

cyberbullying nunca se terem focado no tipo de linguagem utilizada pelos agressores em incidentes de *cyberbullying*, principalmente quando comparado com estudos anteriores como o de Francisco (2012), que aborda esta temática, focando-se na vivência que adolescentes no ensino superior reportam, com enfoque em particular na “intimidação” e na “apropriação da imagem”. Ao passo que, no presente estudo, se tenta ir mais além e saber qual o conteúdo das expressões utilizadas por adolescentes portugueses em incidentes de *cyberbullying*.

No que concerne à segunda questão de investigação, este estudo complementa outros estudos realizados até ao momento presente, como o de Sousa, et al (2014), que visa compreender a percepção dos alunos do ensino superior em Portugal sobre o fenómeno e a importância que pares, professores e pais apresentam no confronto e prevenção do *cyberbullying*. Todavia, este estudo não nos dá informação acerca do impacto posterior aos incidentes de *cyberbullying*, ou seja, não nos indica o que estes alunos faziam quando estavam perante uma situação *cyberbullying* (isto porque o estudo não nos diz se se apropriavam da linguagem; se a ignoravam; se já a conheciam, etc). Assim sendo, neste estudo quisemos ir mais além, já que fomos verificar, não apenas a linguagem que era utilizada por adolescentes portugueses em *cyberbullying* (e em saber que se traduz tal linguagem), mas também de que forma os adolescentes se apropriam (ou não) dessa linguagem.

Para responder à segunda questão de investigação: “De que forma é que os adolescentes se apropriam desta linguagem?”, optou-se por eliminar todos os participantes que responderam em todas as opções “*não aplicável*”, sendo que caso tenham respondido em alguns itens “*não aplicável*”, e incluir os participantes que tenham assinalado uma ou mais opções de resposta para o apuramento de resultados. Assim, relativamente à temática da linguagem e àquilo que os adolescentes fazem com ela :

“Assinala com uma (X) o tipo de impacto que esta linguagem teve em ti (podes assinalar mais que uma opção):”, obtiveram-se os seguintes resultados: *“Adotei a linguagem para brincar com os meus amigos”* (40,7% discordam e 44,2% concordam com esta afirmação); *“Adotei a linguagem para fazer o mesmo que vi”* (63,3% discordam e 16,8% concordam com esta afirmação); *“Ignorei a linguagem que vi”* (42,9% discordam e 42,9% concordam com esta afirmação); *“Foi-me indiferente porque já conhecia esse tipo de linguagem”* (25,2% discordam e 62,8% concordam com esta afirmação); *“Senti nojo da linguagem utilizada”* (36,3% discordam e 52,7% concordam com esta afirmação); *“Achei a linguagem chocante”* (42,5% discordam e 44,7% concordam com esta afirmação); *“Fiquei com vontade de intervir com a mesma linguagem”* (49,6% discordam e 35,4% concordam com esta afirmação); *“Fiquei com vontade de intervir com linguagem mais adequada”* (33,6% discordam e 52,2% concordam com esta afirmação); *“Intervim com a mesma linguagem”* (52,7% discordam e 30,1% concordam com esta afirmação) e *“Intervim com linguagem mais adequada”* (34,5% discordam e 50,9% concordam com esta afirmação).

No que concerne aos resultados obtidos quando é perguntado aos adolescentes portugueses o que fizeram com a linguagem que viram, 50,9% da amostra reportam que intervieram com linguagem mais adequada e apenas 30,2% assumem ter intervindo com o mesmo tipo de linguagem. Adicionalmente, a percentagem superior de respostas a esta questão é bastante relevante pelo valor que apresenta: 52,7% dos participantes revelaram ter sentido nojo da linguagem utilizada e 44,7% acharam-na mesmo chocante. Estes resultados, principalmente os resultados ao item *“Foi-me indiferente porque já conhecia esse tipo de linguagem”* em que 62,8% dos adolescentes concordou com esta afirmação, reforçam a importância de serem criados planos de intervenção junto dos adolescentes portugueses para prevenir a utilização deste tipo de linguagem, aparentemente já bastante

familiar para mais de metade da amostra deste estudo, mas que os próprios adolescentes reconhecem ser por vezes “*chocante*” e revelaram preferir intervir com linguagem mais adequada.

Implicações para a prática

Ao nível das implicações para a prática e para a teoria, e considerando os estudos acima referenciados de Agatson, Kowalski e Limber (2007), Amado, Matos e Pessoa, 2009b; Amado, Matos, Pessoa e Jäger (2009), considera-se essencial fortalecer os laços entre os alunos e a escola, e entre a família e a escola, com o intuito de fomentar e melhorar a comunicação entre todos os intervenientes, bem como a perceção mais aguçada deste tipo de comportamentos, reforçando deste modo a importância da família para uma intervenção mais aprofundada e eficaz (Agatson, Kowalski & Limber, 2007), tendo em vista, por exemplo, um maior suporte emocional do jovem adolescente e, consequentemente, tentando prevenir que ocorram incidentes de *cyberbullying*.

A necessidade e importância de intervenção nas escolas surge devido ao facto de muitas vezes as próprias vítimas se tornarem agressores, sendo que, por vezes para o fazerem “escondem-se” por norma atrás de algo que é virtual para que o seu ato esteja mais protegido por ter cariz de anonimato (Ferreira, 2013).

No sentido da pertinência que tem conhecer o conteúdo da linguagem utilizada pelos adolescentes portugueses, e a forma como estes adolescentes se apropriam da mesma, importa realçar que apesar de o *Cyberbullying* começar num ambiente virtual, este pode afetar o aluno no seu ambiente escolar (Shariff & Hoff, 2007).

No sentido da pertinência que tem conhecer o conteúdo da linguagem utilizada pelos adolescentes portugueses, e a forma como estes adolescentes se apropriam da mesma, importa realçar que apesar de o *Cyberbullying* começar num ambiente virtual, este pode afetar o aluno no seu ambiente escolar (Shariff & Hoff, 2007). Sugere-se, assim, a criação e implementação de programas de prevenção de *cyberbullying*, aproveitando, por exemplo, algumas das expressões encontradas neste estudo para chegar mais próximo

da realidade dos adolescentes portugueses, formulando cenários hipotéticos com este tipo de linguagem que se espera ser facilmente (re)conhecida pelos adolescentes, o que facilitará a passagem da mensagem que pretendemos transmitir por, à partida, se assemelhar grandemente a situações reais.

Limitações e sugestões para estudos futuros

Esta investigação tem algumas limitações que devem ser reconhecidas. Em primeiro lugar, a amostra é homogénea, i.e. constituída por indivíduos pertencentes a um único agrupamento de escolas públicas da região centro de Portugal. Sugere-se que em estudos futuros seja utilizada uma amostra maior e, se possível, mais abrangente abarcando escolas de diversas zonas do país, tornando-se assim uma amostra mais significativa e mais aproximada da realidade nacional (Hinduja & Patchin, 2006).

Sendo que o passo mais importante no que respeita à prevenção que as escolas podem tomar é a de educar a comunidade escolar sobre o uso responsável da Internet” (Hinduja & Patchin, 2006). Assim, podemos através das expressões encontradas neste estudo e em estudos futuros inseridos dentro do mesmo projeto, construir e personalizar programas de intervenção ecologicamente válidos, com o intuito de prevenir a ocorrência de incidentes de *cyberbullying*. (Hinduja & Patchin, 2006).

Estas poderiam constar de situações-exemplo para programas de prevenção que se venham a criar por serem categorias pouco exploradas mas que começam a ganhar alguma expressão e, sugere-se ainda que continuem a ser tidas em linha de conta em estudos futuros para que se analise a sua incidência e prevalência, ou não, nos incidentes de *cyberbullying* em adolescentes portugueses.

Outra limitação prende-se com o facto da amostragem de linguagem recolhida ser resultante de uma medida auto-reportada, em que foi solicitado diretamente aos

participantes do estudo que nos exemplificassem linguagem utilizada e/ou lida por eles. Seria interessante, em estudos futuros, investigar as mais diversas plataformas online, recolhendo linguagem no seu meio “natural” ao invés de serem utilizadas apenas medidas auto-reportadas.

Conclusões gerais

No decorrer desta investigação, abordámos o tema do *Cyberbullying* devido ao cariz urgente de dar a conhecer esta temática, não só pela importância que os pais podem ter aquando de uma situação destas mas, também e principalmente, pretendemos que o debate acerca desta temática se alargue a outras esferas, envolvendo amigos, família e comunidade escolar, dada a necessidade urgente de intervir (de preferência, o mais precocemente possível) nestas situações que assolam cada vez mais os adolescentes. Sampaio (2011) aconselha os pais a criarem um clima de confiança entre os seus filhos, logo no momento que estes começam a utilizar a *Internet*, de forma a poderem ter algum controlo mas ao mesmo tempo permitir uma privacidade às crianças e adolescentes.

Referências Bibliográficas

- Al-garadi, M. A., Varathan, K. D., & Ravana, S. D. (2016). Cybercrime detection in online communications: The experimental case of cyberbullying detection in the Twitter network. *Computers in Human Behavior*, 63, 433-443.
- Amado, J. Matos, A. Pessoa, T., & Jäger, T. (2009). Cyberbullying: Um desafio à investigação e à formação. *Interacções*, 5(13), 301-326.
- Anderson, T., & Sturm, B. (2007). Anderson, T., & Sturm, B. (2007). Cyberbullying: From playground to computer. *Young Adult Library Services*, 5(2), 24.
- Belsey, B. (2005). Cyberbullying: An emerging threat to the “always on” generation. Retirado em 17 de Junho de 2017, de <http://www.cyberbullying.ca>.
- Brites, I. & Cássia. (2012). Pensamento e linguagem. *Revista Lusófona de Educação*, (22), 179-184. Retirado em 26 de junho de 2017, de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502012000300011&lng=pt&tlng=pt.
- Caetano, A. P., Freire, I., Veiga Simão, A. M., Martins, M. J. D., & Pessoa, M. T. (2016). Emoções no cyberbullying: um estudo com adolescentes portugueses. *Revista Educação e Pesquisa*, 42(1), 199-212.
- Caetano, A. P., Amado, J., Martins, M. J. D., Veiga Simão, A. M. V., Freire, I., & Pessoa, M. T. R. (2017). Cyberbullying: motives of aggression from the perspective of young Portuguese. *Educação & Sociedade*, (AHEAD).
- Carvalhosa, S. F., Domingos, A. & Sequeira, C. (2008). Preventing violence through community engagement. Comunicação apresentada à II International Conference on Community Psychology. Lisboa.

- Desmet, A., Veldeman, C., Poels, K., Bastiaensens, S., Cleemput, K., Vandebosch, H., & Bour-deaudhuij, I. (2014). Determinants of self-reported bystander behavior in cyberbullying incidents amongst adolescents. *Cyberpsychology, And Social Networking*, 17(4), 207-214.
- Dooley, J., J., Pyzalski, J., & Cross, D. (2009). Cyberbullying versus face-to-face bullying: A theoretical and conceptual review. *Journal of Psychology*, 217(4), 182-188.
- Galego, C. (2004). Violência nas escolas: Representação social dos mass media. *Actas dos Ateliers do Vº congresso português de Sociologia*.
- Graham, S., & Juvonen, J. (1998). Self-blame and peer victimization in middle school: an attributional analysis. *Developmental Psychology*, 34(3).
- Francisco, S. M., Simão, A. M. V., Ferreira, P. C., & das Dores Martins, M. J. (2015). Cyberbullying: The hidden side of college students. *Computers in human behavior*, 43, 167-182.
- Ferreira, M. I. M. (2013). *Os jovens, a escola e o cyberbullying* (Doctoral dissertation).
- Freire, I., Veiga Simão, M. & Ferreira, A. (2006). O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – um questionário aferido para a população portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, 19(2), 157-183.
- Hernández Prados, M. A., & Solano Fernandez, I. (2007). Ciberbullying, un problema de acoso escolar. *RIED*, 10(1), 17-36.
- Hinduja, S. & Patchin, J. W. (2009). *Bullying Beyond the Schoolyard: Preventing and Responding to Cyberbullying*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications

- Hinduja, S. & Patchin, J. (2010). Bullying, Cyberbullying, and Suicide. *Archives of Suicide Research*, 14(3), 206-221.
- Kowalski, R. M., & Limber, S. P. (2007). Electronic bullying among middle school students. *Journal of Adolescent Health*, 41(6), 22-30.
- Kowalski, R. M., Limber, S. P., Limber, S., & Agatston, P. W. (2012). *Cyberbullying: Bullying in the digital age*. 2ª Edition John Wiley & Sons.
- Martins, M. J. D., Simão, A. M. V., Freire, I., Caetano, A. P., & Matos, A. (2017). Cyber-Victimization and Cyber-Aggression among Portuguese Adolescents: The Relation to Family Support and Family Rules. In *Violence and Society: Breakthroughs in Research and Practice* (pp. 134-149). IGI Global.
- Miranda, J., & Senra, L. (2012). Aquisição e desenvolvimento da linguagem: contribuições de Piaget, Vygotsky e Maturana. *O portal dos psicólogos*, 1-16.
- Neves, J., & Pinheiro, L. (2009). A emergência do cyberbullying: uma primeira aproximação. Comunicação às Conferências Lusófona, 6º SOPCOM/4ºIBÉRICO. Acedido em 17, Junho, 2017, em <http://www.conferencias.ulusofona.pt>
- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2006). Bullies move beyond the schoolyard: A preliminary look at cyberbullying. *Youth violence and juvenile justice*, 4(2), 148-169.
- Pereira, F., Spitzberg, B. H., & Matos, M. (2016). Cyber-harassment victimization in Portugal: Prevalence, fear and help-seeking among adolescents. *Computers in Human Behavior*, 62, 136-146.
- Piaget, J. (1967). Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- Piaget, J. (1924). Le jugement et le raisonnement chez l'enfant. Paris: Delachaux et Niestlé.

- Ribes-Iñesta, E. (2006). Human behavior as language: some thoughts on Wittgenstein. *Behavior and Philosophy*, 109-121.
- Slonje, R. & Smith, P. (2008). Cyberbullying: Another maintype of bullying?. *Scandinavian Journal of Psychology*, 49(2), 147-154.
- Smith, P. K., Mahdavi, J. Carvalho, M., Fisher, S., Russell, S., & Tippett, N. (2008). Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49(4), 376-385.
- Vygotsky, L. S. (1998). *Pensamento e linguagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (2007). *A formação social da mente*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Ybarra, M. L. , Mitchell, K. J. K. (2004). Youth engaging in online harassment: Associations with caregiver-child relationships, Internet use, and personal characteristics. *Journal of Adolescence*, 27, 319–336.